

ASSÉDIO SEXUAL: UMA ANÁLISE DO CONCEITO ENTRE O PÚBLICO UNIVERSITÁRIO FEMININO

*Jhenifer Prescilla Dias**, *Luciana Marolla Garcia***

*Sandro Caramaschi****

RESUMO

O assédio sexual se caracteriza por atitude de ameaça, ou coerção, no intuito de obter favorecimento sexual, sendo o assediador hierarquicamente superior ao assediado. O objetivo deste estudo foi identificar as situações que caracterizam o assédio na relação professor-aluna entre o público universitário feminino e verificar se há correlação entre a idade e a percepção de assédio. A amostra de 74 alunas, com idades entre 17 e 48 anos, respondeu a um questionário. Os resultados sugeriram que as situações mais caracterizadas como assédio sexual na relação professor-aluna envolvem o ato de ameaçar as estudantes com o aumento ou a diminuição da nota ou com a troca de favores sexuais, além de outros tipos de contato invasivo, considerando que, quanto maior a idade, menor a percepção de assédio sexual.

Palavras-chave: Assédio sexual. Relação professor-aluno. Flerte. Cantada.

SEXUAL HARASSMENT: AN ANALYSIS OF THE CONCEPT AMONG FEMALE UNIVERSITY STUDENTS

ABSTRACT

Sexual harassment is characterized by a threatening attitude, coercion in order to obtain sexual favors, being the harasser hierarchically superior to the beleaguered. The goal of this research was to identify the situations that characterize the harassment in the teacher-student relationship between university female students

* Psicóloga, mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem pela Universidade Estadual Paulista (UNESP – Bauru). ORCID: 0000-0002-2672-7641. Correio eletrônico: jheni19@gmail.com

** Psicóloga, mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem pela Universidade Estadual Paulista (UNESP – Bauru). ORCID: 0000-0001-7625-4021. Correio eletrônico: lumarolla@yahoo.com

*** Doutor e mestre em Psicologia Experimental pela Universidade de São Paulo (USP). Professor Assistente Doutor na Universidade Estadual Paulista (UNESP – Bauru). ORCID: 0000-0001-5001-0256. Correio eletrônico: caramas@unesp.br

and also to verify if there is a correlation between the age of the participants and the perception of harassment. A sample of 74 students aged between 17 - 48 years old answered a questionnaire. The results suggested that situations often characterized as sexual harassment in the teacher-student relationship are offerings to increase grades or threats to decrease grades in exchange for sexual favors, in addition to other types of invasive contact, considering that the older the person the lower is the perception of sexual harassment.

Keywords: *Sexual harassment. Teacher-student relationship. Flirtation. Dally.*

ACOSO SEXUAL: UN ANÁLISIS DEL CONCEPTO ENTRE EL PÚBLICO UNIVERSITARIO FEMENINO

RESUMEN

El acoso sexual se caracteriza por una actitud de amenaza o coerción con el fin de obtener favorecimiento sexual, siendo el acosador jerárquicamente superior al acosado. El objetivo de este estudio fue identificar las situaciones que caracterizan el acoso en la relación profesor-alumna entre el público universitario femenino y también verificar si hay correlación entre la edad de las participantes con la percepción del acoso. La muestra fue respondida por 74 alumnas, con edades entre 17 y 48 años. Los resultados sugirieron que las situaciones más caracterizadas como acoso sexual en la relación profesor alumna envuelven el acto de amenaza de aumento de la nota o disminución a cambio de favores sexuales, además de otros tipos de contacto invasivo. Se considera que mientras mayor es la persona, menor es su percepción sobre el acoso sexual.

Palabras clave: *Acoso sexual. Relación profesor-alumna. Coquetear. Alabanza.*

1 INTRODUÇÃO

O assédio sexual não é novidade, pois, quando se pensa na cultura e na realidade brasileira, vem logo à mente a sensualidade e o erotismo presentes nas vestimentas, na dança, na música e no toque interpessoal. Esta população aprecia conversas sensuais e piadas maliciosas, que possibilitam às pessoas poder flertar em qualquer situação (FREITAS, 2001; FUKUDA, 2012).

Para Paixão *et al.* (2013), o termo assédio expressa o sentido de insistência inconveniente, certa perseguição em relação a outrem. Em outros países, por exemplo, como os Estados Unidos, um simples olhar pode se caracterizar como assédio sexual e se tornar um processo jurídico. Para os autores, é claro que uma cantada é algo pessoal, uma tentativa sedutora de conseguir um envolvimento amoroso e/ou sexual; o assédio, porém, constitui uma questão eminentemente organizacional, já que necessita da estrutura de poder para sustentar-se e ameaçar o outro. Confundir um com o outro é deslocar o eixo do problema e, portanto, a

sua possibilidade de resolução. A cantada é uma proposta habilidosa, visando convencer o outro. Utiliza-se de rodeios, floreios, elogios, promessas e sugestões para que o outro concorde com um relacionamento amoroso. Existe uma intencionalidade em buscar a cumplicidade, diferentemente do assédio. A cantada é do signo da sedução, e o assédio, da ordem autoritária; a primeira faz promessas, constitui-se da vivência de uma experiência idealizada; o segundo promete uma punição se não for atendido em suas investidas.

Segundo Maggio (2014), e também de acordo com a Lei n.º 10.224/2001, que altera o Código Penal acerca do crime de assédio sexual, é necessário existir ameaça ou coerção e também haver uma posição hierárquica superior, para que se configure o crime, como descreve abaixo:

São três os elementos que integram o delito: (1) a conduta de constranger alguém; (2) com o intuito de obter vantagem ou favorecimento sexual; (3) devendo o agente prevalecer-se de sua condição de superior hierárquico ou de ascendência inerentes ao exercício do emprego, cargo ou função. (MAGGIO, 2014, p. 58).

Entretanto, de acordo com o Conselho Nacional de Justiça (2016, p. 6), assédio não é cantada e acarreta punição, descrita da seguinte forma:

O assédio sexual não é paquera nem elogio. É uma manifestação grosseira, independente da vontade da pessoa a quem é dirigida e que pode ser configurado como crime, dependendo do comportamento do assediador [...] Quando um homem tem interesse em conhecer uma mulher, ou elogiá-la, ele não lhe dirige palavras que a exponham ou a façam sentir-se invadida, ameaçada ou encabulada. Caracteriza-se como assédio verbal (artigo 61, da Lei das Contravenções Penais n. 3.688/1941), quando alguém diz coisas desagradáveis ou invasivas (como podem ser consideradas as famosas “cantadas”) ou faz ameaças. Apesar de ser considerado um crime-anão, ou seja, com potencial ofensivo baixo, também é considerado forma de agressão e deve ser coibido e denunciado. O assédio gera constrangimento e outros impactos psicológicos, como insônia, depressão, aumento de pressão arterial, dor no pescoço e transtornos alimentares (com aumento ou perda de peso).

Para Silva (2009), uma das zonas de verificação de reciprocidade no amor é a zona de assédio. Quem está agindo dentro dessa zona assedia e molesta a outra pessoa. A principal maneira de assediar é continuar a se manifestar amorosamente ou se manifestar de maneira inadequada a um parceiro que está apresentando sinais de desconforto e rejeição como reação a essas manifestações. “Constranger pode significar compelir, coagir, obrigar, forçar, determinar, impor algo contra a vontade da vítima, mas também pode ser o ato de causar um embaraço sério (de incomodar).” (FUKUDA, 2012, p. 125).

Percebeu-se recentemente que existem poucas pesquisas sobre o tema dos limites entre assédio sexual e cantada, e que estes, muitas vezes, são confundidos devido a aspectos culturais, além de ser um assunto recente e frequente na mídia. No entanto, desde os nossos ancestrais até a atualidade, ocorreram diversas mudanças nas relações interpessoais e amorosas, interferindo também no relacionamento íntimo. Uma dessas mudanças foi a chegada da *internet* e com isso

a utilização de *sites* e aplicativos de paquera ou namoro, que têm se popularizado nos últimos anos.

Outra grande mudança que ocorreu entre as gerações, foi o ingresso da mulher no mercado de trabalho, ocasionando transformações nos relacionamentos entre os gêneros, muitas vezes até expondo mais a mulher em ambientes competitivos e, ao mesmo tempo, obrigando-a a superar limites e preconceitos impostos pela sociedade. O ingresso e o aumento das mulheres nas universidades e no mercado de trabalho podem deixá-las mais propensas a algumas situações, como receber uma “cantada” ou ser sexualmente assediada (FREITAS, 2001).

Considera-se também que, no cenário atual, homens e mulheres podem ter objetivos diferentes em relação a relacionamentos de longo ou curto prazo. A abordagem teórica frequentemente se refere a relacionamentos amorosos duradouros. Conforme afirma Buss (1999), o estudo científico da corte humana tem focalizado quase que exclusivamente as relações de longa duração. Relações deste tipo, entretanto, não caracterizam todas as possíveis relações íntimas, pois estas podem durar meses, dias, horas, ou ainda alguns minutos. Como os novos meios de comunicação tornam culturalmente as relações descartáveis, tendem a estender esta característica aos relacionamentos amorosos, tornando-os casuais. O flerte pode ser a ação inicial para iniciar um relacionamento, seja ele de curto ou longo prazo. O assédio sexual também pode ter esse objetivo, dependendo do que se compreende sobre o conceito de assédio.

Schmitt (2003) indica que diferenças de gênero são verificadas, tanto no interesse em participar de relacionamentos de curta duração quanto nas motivações. Com isso, é importante considerar que tanto os homens quanto as mulheres se engajam em relacionamentos de curta duração, porém com objetivos diferentes, tendo as mulheres, via de regra, a expectativa de revertê-lo em duradouro.

No entanto, o assédio também pode se configurar em “crime de assédio sexual”, segundo a legislação brasileira. Contudo, é necessário rever a definição de assédio sexual, até para que se consiga observar de modo mais assertivo como este fenômeno ocorre no dia a dia das relações humanas, tornando possível assim estabelecer campanhas preventivas contra essa prática. Além disso, este estudo se faz relevante devido à escassez de pesquisas científicas sobre a diferença ou limite entre assédio sexual e “cantada” ou demais comportamentos de paquera (BUSS, 1999).

Considerando que o assédio se caracteriza por atitudes de ameaça, coerção ou constrangimento de alguém no intuito de obter favorecimento sexual, sendo o assediador hierarquicamente superior ao assediado, a relação professor-aluna se enquadra nestes moldes, visto que o professor possui autoridade sobre a aluna. O assunto de assédio sexual no trabalho vem sendo discutido nos últimos anos, entretanto, no que se refere a assédios na relação professor-aluna, é escassa a literatura quanto à relevância do tema nas universidades.

O número de mulheres em profissões de alto prestígio (por exemplo, engenheiras, economistas, médicas, professoras universitárias e advogadas) cresceu aproximadamente 400% na década de 1970. Em 1980, já havia aproximadamente o mesmo número de homens e mulheres brasileiros nas universidades (689.000 homens e 663.000 mulheres). Atualmente, a maioria das mulheres trabalha para ajudar no sustento da família, sendo que as mulheres formam 51% da força de

trabalho e 45% de todos os eleitores registrados. Há também muitos relatos informais nos meios de comunicação de mulheres que afirmam ter desistido de estudar ou de prosseguir na carreira acadêmica por terem sofrido assédio sexual por parte de seus professores ou orientadores (nível hierárquico superior), fazendo necessário o desenvolvimento de mais estudos científicos sobre o tema (DESOUZA; BALDWIN; ROSA, 2000). Portanto, de acordo com entendimento de diversas autoridades, é possível concluir que se deve considerar a agressão sofrida pela vítima, sendo, portanto, possível a ocorrência de assédio sexual nas relações de ensino, considerando que, dado o caráter privado da ação, cabe à vítima a escolha de promover a ação penal ou não, o que não seria possível se considerássemos a ocorrência de outro delito que não o de assédio sexual (JANSSEN, 2013).

Na sociedade brasileira, em que as relações entre professor-aluna tendem a ser mais informais, vem se estabelecendo um novo código de relacionamento. Em que pese o fato de existirem situações de assédio evidente, tipificado como crime, existe uma ampla diversidade de situações que podem encaminhar relacionamentos de curto ou de longo prazo (SOSTER; CASTRO, 2018). Nesse sentido, caracterizar situações que produzam constrangimento ou que sejam aceitáveis no âmbito universitário é fundamental para se estabelecer novas bases de interação interpessoal.

De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2015), o Brasil apresenta uma população de aproximadamente 50,5 milhões de pessoas, pertencentes ao segmento da juventude, com idades entre 15 e 29 anos, representando 25% da população total brasileira. Devido a este número significativo, a juventude e os universitários do país merecem atenção, pois encontram-se inseridos em um extenso número de questões sociais, culturais e educacionais (CARVALHO; LIMA, 2017).

2 OBJETIVOS

Identificar as situações que caracterizam os limites no contexto do assédio sexual na relação professor-aluna na perspectiva do público universitário feminino. Em específico, buscou-se verificar se há correlação entre a idade das participantes com os resultados obtidos nas situações apresentadas.

3 MÉTODO

3.1 Participantes

A amostra do estudo foi composta por 74 participantes do sexo feminino, com idades entre 17 e 48 anos, apresentando uma média de 24,86 anos. Esta amostra foi selecionada em razão do número muito maior de casos de assédio de alunas que de alunos universitários (FREITAS, 2001).

Em relação ao *status* de relacionamento atual, 10,80% informaram estar casadas, 5,4% em relacionamento casual, 59,5% namorando, 21,2% sozinhas, 1,35% em noivado e a mesma porcentagem informou estar em outro tipo de relacionamento. Desta amostra, 78% das participantes eram alunas dos cursos de graduação, e 22%, da pós-graduação de instituições públicas e particulares de ensino de uma cidade de porte médio do interior do estado de São Paulo. Em relação às áreas

de conhecimento, as alunas participantes foram das áreas de Humanas (60,81%), Biológicas (9,45%), Exatas (25,67%), sendo que algumas alunas não responderam sobre a área de estudo (4,05%).

3.2 Instrumento

O Protocolo de Investigação das Situações de Assédio Sexual na Relação Professor-Aluna foi elaborado exclusivamente para este estudo, sendo aplicado de modo virtual. O instrumento foi composto por questões sociodemográficas que permitiram a coleta de informações sobre idade, sexo, formação e *status* de relacionamento, além de 30 questões que apresentavam situações a serem investigadas pela presença ou não de assédio sexual na relação professor-aluna. As respostas deveriam seguir o princípio da intensidade de 1 a 5, considerando-se a seguinte escala: 1 (definitivamente não é assédio sexual), 2 (provavelmente não é assédio sexual), 3 (pode ou não ser assédio sexual), 4 (provavelmente é assédio sexual) e 5 (definitivamente é assédio sexual).

3.3 Procedimentos

Inicialmente, o projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) e foi aprovado sob o parecer n.º 2.712.766. Posteriormente, foi realizado o convite ao público elegido por conveniência, mediante divulgação em mídias sociais digitais para adesão à proposta de pesquisa. As estudantes responderam ao Protocolo de Investigação das Situações de Assédio Sexual na Relação Professor-Aluna, elaborado exclusivamente para este estudo, e em concordância assinalaram digitalmente o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme resolução do Conselho Nacional de Saúde CNS n.º 466/2012.

3.4 Análise de dados

Inicialmente, utilizou-se estatística descritiva para cálculo das médias e desvio padrão para cada questão. Posteriormente, foi utilizado o Índice de Correlação de Pearson para análise de correlação entre as respostas acerca da percepção de assédio e idade das participantes. Em todos os testes, foi adotado um nível de confiabilidade de 95% ($p < 0,05$).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a análise dos dados, obtiveram-se as médias das notas, os desvios padrões e os índices de correlação para cada questão, conforme a Tabela 1. De acordo com os resultados obtidos nesta análise das 30 afirmações presentes no questionário, constatou-se que 20 delas foram consideradas como assédio sexual, com nota superior a 4,0, levando-se em consideração que a pontuação 4,0 tinha o significado de “provavelmente é assédio sexual” e a pontuação 5,0 tinha o significado de “definitivamente é assédio sexual”.

Tabela 1 – Representação das médias (M), desvios padrões (DP), índices de correlação (r) e significância (p) obtidos no Protocolo de Investigação das Situações de Assédio Sexual na Relação Professor-Aluna, em ordem decrescente

Situações apresentadas	M	DP	r	p
1 Ameaçar diminuir a nota da aluna, caso ela recuse suas propostas sexuais	4,9	0,50	0,0777	0,5104
2 Oferecer aumentar a nota da aluna, caso ela aceite suas propostas sexuais	4,9	0,60	0,0958	0,4168
3 Tocar os genitais da aluna e não pedir desculpas	4,9	0,50	-0,1759	0,1338
4 Fazer ameaças para tentar convencer a aluna de aceitar propostas sexuais	4,9	0,53	0,0681	0,5641
5 Tocar a parte superior da perna da aluna e não pedir desculpas	4,8	0,60	-0,0492	0,6771
6 Acariciar o rosto da aluna com as mãos, enquanto fala algo e estão a sós	4,7	0,90	-0,6490	0,5827
7 Enviar uma cantada a aluna por <i>e-mail</i>	4,7	0,80	-0,0484	0,6821
8 Falar com a aluna, olhando para os seios ou para o decote	4,7	0,90	-0,2919	0,0116*
9 Beijar o rosto da aluna de forma provocativa ou demorada na universidade	4,7	0,82	-0,2603	0,0250*
10 Querer andar de mão dada com a aluna	4,6	0,90	-0,1927	0,0999
11 Tocar os genitais da aluna e pedir desculpas, alegando que foi sem querer	4,6	0,80	-0,1089	0,3555
12 Falar baixinho no ouvido da aluna	4,5	1,00	-0,2599	0,0253*
13 Tocar na perna da aluna	4,5	0,86	-0,2920	0,0115*
14 Segurar a aluna pelo braço	4,4	1,00	-0,3528	0,0020*
15 Fazer elogios excessivamente a uma aluna quando está a sós com esta	4,4	0,99	-0,1669	0,1551
16 Conversar com a aluna de forma bem próxima, independentemente da ocasião	4,3	1,10	-0,2098	0,0726
17 Convidar para ir à sua casa tomar um <i>drink</i>	4,2	1,15	-0,3429	0,0028*
18 Enviar presentes a aluna	4,1	1,10	-0,2359	0,0430*
19 Conversar com a aluna depois da aula sobre assuntos de cunho sexual	4,1	1,05	-0,3963	0,0005*
20 Fazer elogios excessivamente a uma aluna na frente do grupo	4,0	1,04	-0,1782	0,1286
21 Fazer comentários e elogios sobre as roupas que a aluna está usando	3,9	1,10	-0,2037	0,0817
22 Olhar fixamente para uma aluna	3,7	0,99	-0,2979	0,0099*
23 Beijar o rosto da aluna quando a encontra fora da universidade	3,7	1,20	-0,3169	0,0059*
24 Oferecer para pagar lanches/almoço a aluna	3,7	1,10	-0,1972	0,0921
25 Tocar na mão da aluna	3,7	1,05	-0,2476	0,0333*
26 Usar expressões com cunho sexual em aula	3,6	1,19	-0,2860	0,0135*
27 Convidar para encontros fora da universidade	3,6	1,11	-0,3668	0,0013*
28 Abraçar a aluna	3,4	1,02	-0,1590	0,1759
29 Ser excessivamente simpático(a) com a aluna fora da situação de aula	3,2	1,00	-0,1633	0,1643
30 Convidar para almoçar/jantar na universidade	2,5	0,93	-0,2817	0,0150*

Significativo para $p < 0,05$

Fonte: elaborada pelos autores.

Conforme apresentado na Tabela 1, a menor média obtida (2,5) refere-se à situação 1 “Convidar para almoçar/jantar na universidade”, seguida pela situação 15 “Ser excessivamente simpático (a) com a aluna fora da situação de aula” (3,2). Segundo Silva (2009), tanto o convite para almoçar ou jantar quanto ser excessivamente simpático com alguém podem ser considerados comportamentos de etapa inicial de flerte. As características como simpatia, amabilidade, afabilidade são critérios para atração de mulheres para relacionamento de longo prazo (LEWIS *et al.*, 2012).

Porém, de acordo com os resultados encontrados, apesar de serem comportamentos iniciais para relacionamentos amorosos, essas condutas não foram consideradas de assédio sexual. As maiores médias com o valor de 4,9 foram constatadas nas situações “Oferecer aumentar a nota da aluna caso ela aceite suas propostas sexuais”, “Fazer ameaças para tentar convencer a aluna de aceitar propostas sexuais”, “Ameaçar diminuir a nota da aluna, caso ela recuse suas propostas sexuais” e “Tocar os genitais da aluna e não pedir desculpas”, seguidas da situação com nota 4,80 “Tocar a parte superior da perna da aluna e não pedir desculpas”.

De acordo com Freitas (2001), algumas relações profissionais encontram-se mais propensas ao risco de assédio sexual, muitas vezes, inclusive, tornam-se inevitáveis, tais como: médico-enfermeira, professor-aluna, diretor-atriz, chefe-secretária. “Normalmente, essas relações acontecem entre um superior e um subordinado, sendo, quase sempre, o primeiro elemento do sexo masculino.” (FREITAS, 2001, p. 13).

Para verificar se há correlação entre a idade das participantes com os resultados obtidos nas situações apresentadas, foram representados os resultados do teste “Índices de correlação de Pearson” calculado entre cada uma das questões e a idade das participantes.

As correlações (valor de r) negativas, em sua maioria, indicam que quanto maior a idade, menor a percepção de assédio (inversamente proporcionais). As probabilidades de os dados terem ocorrido por acaso (valor de p) foram consideradas estatisticamente significativas para $p < 0,05$ (indicadas por *).

Constatou-se que as correlações foram negativas na grande maioria das situações, com diferenças significativas em 14 situações. As situações percebidas como de assédio sexual de forma similar (diferença não significativa) entre as participantes de maior e menor idade envolvem atos de abraçar, fazer ameaças para tentar convencer a aluna a aceitar propostas sexuais, fazer elogios excessivamente a uma aluna na frente do grupo, fazer elogios excessivamente a uma aluna quando está a sós com esta, ser excessivamente simpático(a) com a aluna fora da situação de aula, oferecer aumentar a nota da aluna caso ela aceite suas propostas sexuais, ameaçar diminuir a nota da aluna caso ela recuse suas propostas sexuais, querer andar de mão dada com uma aluna, acariciar o rosto da aluna com as mãos, enquanto fala algo e estão a sós, enviar uma cantada a aluna por *e-mail*, oferecer para pagar lanches/almoço a aluna, fazer comentários e elogios sobre as roupas que a aluna está usando, tocar a parte superior da perna da aluna e não pedir desculpas, tocar os genitais da aluna e pedir desculpas ou falar que foi sem querer, tocar os genitais da aluna e não pedir desculpas e conversar com a aluna de forma bem próxima, independentemente da ocasião.

Grande parte das pesquisas que examinam o microssistema de sala de aula tem se concentrado principalmente nas relações aluno-aluno, seja sob um ponto de

vista individual, seja sob uma visão coletiva na perspectiva didática. Infelizmente, há uma escassez de pesquisas em outro componente importante do comportamento em sala de aula: o relacionamento pessoal dos alunos com o professor da sala de aula. A falta de pesquisas a esse respeito é surpreendente, dado que os professores foram contratados para interagir com os alunos de forma a contribuir para a dinâmica social da sala de aula. Contudo, o relacionamento professor-aluna exerce uma influência importante sobre a formação acadêmica, social e o ajustamento emocional e comportamental. Em alguns casos, no entanto, os próprios professores podem se tornar uma fonte emocional, verbal e de maus-tratos físicos para os alunos. Pesquisadores especularam que a relação professor-aluna é um importante fator no contexto do assédio de pares. Em particular, uma questão dentro da literatura se refere ao fato de o assédio dos alunos pelos professores aumentar a incidência de assédio sexual entre os próprios pares. Por exemplo, os professores podem não promover interações respeitadas entre os alunos, modelando assim comportamentos desrespeitosos (LUCAS-MOLINA *et al.*, 2015).

De acordo com Gruber e Fineran (2016), à medida que as crianças chegam ao ensino médio, o assédio sexual torna-se mais frequente, pois o comportamento de dominância é impulsionado com mais frequência por estereótipos de gêneros e comportamentos sexualizados. Estes mesmos autores relatam dados encontrados em estudos indicando que os alunos que sofreram assédio sexual relataram maior ausência escolar ou mais faltas às aulas, demonstrando assim um interesse em mudar de escola, menor concentração, menor participação nas aulas, diminuição da qualidade do trabalho escolar, notas mais baixas e perda de amigos. Quase um quarto dos alunos do recente estudo relatou não querer frequentar a escola por causa de sua experiência de assédio sexual. O impacto foi geralmente maior entre as meninas.

O assédio sexual está diretamente ligado à masculinidade hegemônica, “[...] é impulsionado por estereótipos culturais sobre gênero e sexualidade que funcionam para construir e reforçar relações de poder desequilibradas.” (GRUBER; FINERAN, 2016, p. 117). E conclui desta forma:

Em contraste, a vitimização por assédio é desequilibrada: é direcionada a categorias específicas de pessoas, e as vítimas são deficientes em sua capacidade de responder de forma eficaz e evitar danos devido ao poder dos estereótipos culturais. Uma literatura de pesquisa substancial sobre os efeitos do assédio sexual mostra que esses tipos de experiências, seja no trabalho ou na escola, ocorrem com mais frequência e têm mais efeitos adversos em meninas e mulheres do que em meninos e homens. O assédio não afeta apenas a saúde e o bem-estar, mas também prejudica o ambiente de trabalho ou escolar [...]. (GRUBER; FINERAN, 2016, p. 30).

Ademais, o ato de violência contra a mulher, e particularmente o assédio sexual, possui um viés significativo, visto que, na relação homem-mulher, há uma diferença no aspecto biológico, constituindo-se, então, como uma relação de desigualdade, na qual o conceito de vítima tem a mesma ideologia: não são seres humanos, e sim algum “objeto” (CHAUÍ, 1984; FUKUDA, 2012). Entre as cinco situações com as maiores médias, três delas incluem situações de ameaça ou coerção para aceite de propostas sexuais, o que é confirmado pela legislação de assédio

sexual, de acordo com o art. 206-A do Código Penal (2008) e com Souza (2008). Estes descrevem que, para configurar uma conduta de assédio, é necessário haver uma relação hierárquica de ameaça ou coerção. As demais questões entre as maiores médias incluem situações de contato físico sem consentimento em partes íntimas corporais. De acordo com o mesmo autor, o contato físico, no intuito de obter favorecimento sexual, sendo indesejado ou não consentido, pode causar constrangimento, o que também se configura situação de assédio sexual. Pode-se constatar, de fato, que as respostas com as maiores médias apresentadas pelas participantes corroboram os achados deste estudo. Além disso, Fukuda (2012) contribui refletindo sobre os papéis sexuais definidos socialmente para mulheres e homens. Muitas vezes, os homens são privilegiados nas investidas sexuais, considerando que é aprovado socialmente que o homem “conquiste”. Isso possibilita assumir uma postura mais agressiva, dando margem à mulher ser “difícil” nesta relação.

Destacam-se também as seguintes situações: “Acariciar o rosto da aluna com as mãos, enquanto fala algo e estão a sós”, “Enviar uma cantada a aluna por *e-mail*” e “Falar com a aluna, olhando para os seios ou para o decote”, que obtiveram a média 4,7. Em relação à situação “Acariciar o rosto da aluna com as mãos, enquanto fala algo e estão a sós”, Fischer (1995) salientou que o contato físico (atitudes de intenção, como, por exemplo, colocar o braço próximo ao braço do outro) pode ser compreendido como um dos estágios do comportamento de paquera. O fato de estar a sós se configura também numa situação propícia para o flerte. A exploração sexual é também a produção comportamental de mecanismos psicológicos. Para entender melhor a relação entre a percepção das mulheres como sexualmente exploráveis e comportamentos sexualmente exploradores reais, o trabalho futuro de pesquisas deve medir variáveis mais próximas das tentativas reais de exploração sexual (LEWIS *et al.*, 2012).

Para Silva (2009, p. 69), “[...] a internet é o meio mais moderno de iniciar, desenvolver e manter relacionamentos amorosos. Pela internet, é possível flertar instantaneamente com pessoas de qualquer lugar do planeta.” Por isso, sugere-se que a alta média encontrada na situação que envolve contato por *e-mail* e o aumento dos comportamentos de cantadas via *internet* podem caracterizar comportamentos de assédio sexual. Além disso, o mesmo autor postula que o ato de olhar diretamente para o corpo ou decote pode ser caracterizado por um sinal de interesse por apenas sexo casual, o que pode ser um olhar indesejado ou constrangedor, resultando na concepção da situação 08 como assédio sexual pelas participantes.

4.1 Assédio e idade

Os dados encontrados corroboram estudos de Lucas-Molina *et al.* (2015), que hipotetizaram que os estudantes mais jovens relatariam mais vitimização e agressão do que os estudantes mais velhos. Os resultados relatados pelos mesmos autores sobre suas variáveis demográficas de nível de estudante (sobre faixa etária) indicam que o aluno mais velho e do sexo feminino foram os que menos relataram ter sofrido assédio.

Uma possível explicação plausível para esse resultado pode ser o aumento dos movimentos feministas atuais, a ampla divulgação de temáticas relacionadas

ao assédio sexual na mídia e a maior preocupação com a orientação sexual nas escolas a partir da década de 1980, alcançando, com maior intensidade, o público mais jovem. Neste contexto, é importante ressaltar que a amostra em estudo foi composta por 74 participantes do gênero feminino, com idades entre 17 e 48 anos, apresentando uma média de 24,86 anos.

Uma possível explicação para as correlações encontradas é a de que, talvez, alunas mais jovens se sintam mais desprotegidas e inexperientes no novo contexto universitário. Por outro lado, alunas de maior idade provavelmente têm uma perspectiva mais amadurecida nos relacionamentos, distinguindo, de forma mais clara, os comportamentos envolvidos nas interações sociais.

De forma complementar, a orientação sexual começou a ser amplamente divulgada pelas escolas e pela sociedade nos anos 1980, “[...] em virtude da preocupação dos educadores com o grande crescimento de incidência de gravidezes indesejadas entre adolescentes e com o risco da infecção de HIV (vírus da AIDS) entre os jovens.” (BRASIL, 1997, p. 7). Dessa forma, alunas mais jovens talvez tenham tido acesso a mais informações e discussões acerca do assunto.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como identificado por Berman *et al.* (2000), pode-se afirmar que muitos comportamentos relacionados ao assédio foram naturalizados pela sociedade e passaram a ser vistos como cantada ou abordagens inofensivas, incluindo os mais sutis, podendo ser de ordem verbal ou não verbal. Entretanto, situações como essas estão presentes no cotidiano das alunas universitárias e caracterizam-se como uma forma de violência pela conduta invasiva do professor (BENSON; THOMSON, 1982).

O presente estudo, realizado com 74 participantes do gênero feminino, com idades entre 17 e 48 anos (média de 24,86 anos), constatou que as principais situações que caracterizam o assédio sexual na relação professor-aluna são as seguintes: oferecer aumento a nota caso a aluna aceite propostas sexuais, ameaçar diminuir a nota, entrar em contato físico com partes do corpo, enviar *e-mails* de flerte e olhar de forma invasiva partes íntimas. Os resultados encontrados indicam que quanto maior a idade da universitária, menor a percepção de assédio sexual. Uma possível explicação plausível para esse resultado pode ser o aumento dos movimentos feministas atuais, a ampla divulgação de temáticas relacionadas ao assédio sexual na mídia e a maior preocupação com a orientação sexual nas escolas a partir da década de 1980, alcançando, com maior intensidade, o público mais jovem.

Observou-se que, devido à escassez de pesquisas científicas na área de assédio sexual, é necessário realizar mais estudos em relação ao conceito de assédio na relação professor-aluna, já que este fenômeno tem se manifestado nas universidades e em outras instituições de ensino no país. Portanto, este estudo pretendeu acender uma discussão na temática abordada, além de motivar a realização de pesquisas futuras, para contribuir significativamente para uma melhor definição das situações que caracterizam o assédio sexual na relação professor-aluna.

REFERÊNCIAS

- BENSON, D. J; THOMSON, G. E. Sexual harassment on a University Campus: the confluence of authority relations, sexual interest and gender stratification. *Social problems*, Oxford, v. 29, n. 3, p. 236-251, 1982.
- BERMAN, H. et al. Sexual harassment: everyday violence in the lives of girls and women. *Adv. Nurs. Sci.*, [S. l.], v. 22, n. 4, p. 32-46, 2000.
- BRASIL, Secretaria de Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais de Orientação Sexual*. São Paulo: Secretaria de Educação, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/orientacao.pdf>. Acesso em: 20 out. 2017.
- BUSS, D. M. *Evolutionary psychology: the new science of the mind*. 5. ed. Reino Unido: Pearson, 1999.
- CARVALHO, C. C.; LIMA, F. C. S. Juventudes, educação e trabalho: reflexões sobre os desafios da escolarização na educação de jovens e adultos. *Revista Educação em Debate*, Fortaleza, n. 73, jan./jul. 2017.
- CHAUÍ, M. Participando do debate sobre mulher e violência. In: CARDOSO, Ruth et al. *Perspectivas antropológicas da mulher: sobre mulher e violência*. Rio de Janeiro: Zahar, 1984.
- CÓDIGO PENAL, Decreto Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940. Vade mecum. São Paulo: Saraiva, 2008.
- CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. *Assédio sexual não é cantada e tem punição*. 2016. Disponível em: <http://www.cnj.jus.br/noticias/cnj/81706-cnj-servico-assedio-sexual-nao-e-cantada-e-tem-punicao>. Acesso em: 28 jun. 2018.
- DESOUZA, E.; BALDWIN, J. R.; ROSA, F. H. A construção social dos papéis sexuais femininos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, [S. l.], v. 13, n. 3, p. 10-13, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/prc/v13n3/v14n3a16>. Acesso em: 18 fev. 2018.
- FISHER, H. *Anatomia do amor: história natural da monogamia, do adultério e do divórcio*. Rio de Janeiro: Eureka, 1995.
- FREITAS, M. E. Assédio moral e assédio sexual: faces do poder perverso nas organizações. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, [S. l.], v. 41, n. 2, p. 8-19, 2001.
- FUKUDA, R. F. Assédio Sexual: uma releitura a partir das relações de gênero. *Simbiótica, UFES*, Espírito Santo, n. 1, 2012. Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/simbiotica/article/view/4512/3516>. Acesso em: 16 jul. 2018.
- GRUBER, J.; FINERAN, S. Sexual harassment, bullying, and school outcomes for high school girls and boys. *Violence against women*, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 122-133, 2016.
- JANSSEN, D. *O assédio sexual? professor e aluno*. PHMP Advogados, 2013. Disponível em: <http://phmp.com.br/artigos/o-assedio-sexual-professor-e-aluno/>. Acesso em: 29 jun. 2018.
- LEWIS, D. M. G. et al. Exploitative male mating strategies: personality, mating orientation, and relationship status. *Elsevier/personality and individual differences*, [S. l.], v. 52, p. 139-143, 2012.
- LUCAS-MOLINA, B. et al. Effects of teacher-student relationships on peer harassment: a multilevel study. *Psychology in the schools*, [S. l.], v. 52, n. 3, p. 298-315, 2015.

MAGGIO, V. P. R. O crime de assédio sexual. *JUSBRASIL*, 2014. Disponível em: <https://vicentemaggio.jusbrasil.com.br/artigos/121942480/o-crime-de-assedio-sexual>. Acesso em: 7 jul. 2018.

PAIXÃO, R. B. *et al.* O constructo assédio moral na relação aluno-professor na perspectiva de professores universitários. *Revista REGE*, São Paulo, v. 21, n. 3, p. 415-432, 2014.

SCHIMTT, D. P. Universal sex differences in the desire for sexual variety: tests from 52 nations, 6 continents, and 13 islands. *Journal of Personality and Social Psychology*, American Psychological Association, [S. l.], v. 85, n.1, p. 85-104, 2003. Disponível em: http://www.uni-konstanz.de/iscience/reips/pubs/papers/ISDP_JPSP.pdf. Acesso em: 6 jul. 2018.

SILVA, A. A. *Relacionamento amoroso: como encontrar a sua metade ideal e cuidar dela*. São Paulo: Publifolha, 2009.

SOSTER, A. P.; CASTRO, E. K. Sexo casual: autoestima e busca de sensações sexuais em universitárias. *Psicologia, Saúde e Doenças*, [S. l.], v. 19, n. 1, p. 18-25, 2018.

SOUZA, T. M. S. Assédio moral e assédio sexual: interfaces. *Interfac EHS*, [S. l.], v. 3, n. 3, p. 30-35, 2008.

Recebido em: 18 ago. 2018

Aceito em: 5 fev. 2019